

A PRODUÇÃO DO SEXISMO NA LINGUAGEM: GÊNERO E PODER EM DICIONÁRIOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Ana Lúcia Dacome Bueno (PG- UEM – Gpleiadi –CNPq)
Universidade Estadual de Maringá

RESUMO

O presente trabalho compõe a análise em curso de práticas discursivas que invisibilizam e restringem mulheres ou, em casos extremos, reproduzem a violência da dominação patriarcal. Para isso, utilizamos as teorias feministas contemporâneas e discussões sobre sexismo linguístico como fundamentação teórica, destacando a categoria gênero como uma perspectiva "desnaturalizadora" e desconstrutora dos discursos acerca de mulheres que estão presentes nos dicionários da língua portuguesa de grande difusão/circulação nacional. Neste estudo documental, elegemos, em dois dicionários *online* de acesso gratuito, alguns vocábulos que podem ser relacionados a estereótipos de gênero, por entendermos que dicionários, como os grandes documentos legitimadores e veiculadores da linguagem formal dos idiomas, fixam representações e valores. A análise desses vocábulos a fim de revelar as relações de poder expressas em discursos normatizadores e estigmatizadores da língua, foi feita através de sua presença, ausência e definições, bem como pela historicidade da materialidade discursiva em que estão inscritos.

Palavras-chave: Sexismo; Linguagem; Estudos Feministas.

INTRODUÇÃO

Os trabalhos completos deverão ter o seguinte formato: no máximo 15 páginas (incluindo referências), espaço 1,5, Arial, letra 12, justificado, com margens superior e esquerda de 3 cm, e inferior e direita de 2 cm. Notas completas no pé de página, de acordo com as normas da ABNT.

A partir do conceito de gênero proposto por Butler (2000, 2002, 2003), segundo o qual se entende gênero como uma categoria culturalmente construída diferente do conceito de sexo, que é uma característica naturalmente adquirida,

Realização:



Apoio:

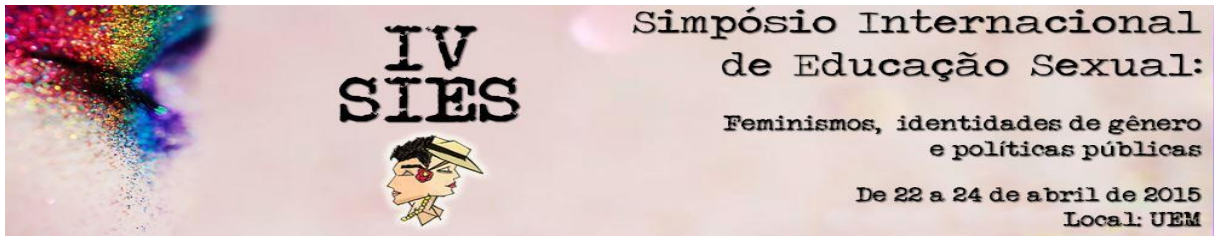


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





podemos entender as diferenças e desigualdades sociais entre homens e mulheres. Essas desigualdades passam por todas as instituições, redes de poder e de controle social instaurando uma linguagem androcêntrica que exclui as mulheres dos discursos jornalísticos, jurídicos, científicos. Butler (2000) considera que a construção simbólica relativa aos atributos culturais associados às pessoas a partir do seu sexo converte a diferença sexual em desigualdade social. Assim, a linguagem formal tem demonstrado uma visão androcêntrica, parcial, incompleta e injusta.

O chamado sexismo linguístico é uma forma de discriminação revelada, por exemplo quando ao referir-se a um sujeito composto em uma oração gramatical, a norma culta da língua portuguesa obriga o gênero feminino a embutir-se ao termo masculino. O sexismo na linguagem revela-se também, segundo Lessa (2011, p. 65) através de “expressões impregnadas de estereótipos, desigualdades, desrespeito, inverdades científicas, preconceitos, no que diz respeito a mulheres e homens.” Por que ainda utiliza-se palavras como Homem para designar toda a espécie humana ao invés de Humanidade? Ou quais as implicações para se ter um único gênero representando lexicamente a dignidade da espécie?

Segundo Rossi (2012), a função mais importante da linguagem é a representação, o reconhecimento social, pois aquilo que não se nomina, não existe. Neste sentido a língua não diz somente aquilo que diz. Diz mais, diz o que está implícito e diz também o que não está dito. A permanente exclusão do gênero feminino nos textos formais da língua portuguesa (e de tantas outras) denuncia uma história de discriminação do gênero feminino pelo masculino, de falta de diálogo entre os conteúdos dos dicionários e as normas gramaticais, suas funções sociolingüísticas e os estudos de gênero, e de ignorância do novo contexto em que atuam seus sujeitos sociais e históricos.

Para Houaiss (2001), pela língua se exerce um poder de significação que transcende a função de nomear os dados ‘objetivos’ da experiência cotidiana humana e torna-a capaz de criar universos de sentido que circulam na sociedade sob a forma de enunciados/textos. Trata-se de um reconhecimento do poder da

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



linguagem de não só retratar uma (nova) paisagem linguística, histórica e social, mas também de estimular e criar novos sentidos e saberes a partir da linguagem, de projetar uma nova paisagem linguística e social.

A linguagem sexista já é um objeto de estudo e intervenção tratado em diferentes níveis de governo, tendo chegado ao âmbito das Nações Unidas através da vigésima quarta reunião da assembléia geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), que propôs o exame e a revisão dos registros escritos e dos discursos orais que apresentem formas de discriminação de linguagem com relação às mulheres, visando promover a igualdade de gênero a nível linguístico, institucional e social.

Essa iniciativa institucional internacional culmina no Brasil em 1987 quando a Unesco distribui o primeiro guia em português por uma linguagem sem discriminação de gênero. Uma publicação que pode ser encarada como um registro linguístico de intuídos éticos e políticos que pretende tanto para retratar uma nova realidade das mulheres, como também para impulsionar as mulheres a novas realidades, dentre as quais se prioriza a de igualdade de direitos, de condições e de capacidades entre os gêneros.

Desses intuídos também compartilham os movimentos feministas, que buscam desconstruir a linguagem sexista presente nos discursos formais da língua e a partir dos conceitos de gênero vão atuar para desvelar as relações de dominação que neles podem estar inscritas. Para investigar como se produzem os mecanismos de reducionismos das mulheres, o Movimento Feminista relaciona-se com a teoria feminista e de gênero a fim de buscar uma multiplicidade do que é ser mulher, entre outras maneiras, empenhando-se em desconstruir discursos acerca do feminino estereotipado.

O fato de as mulheres estarem excluídas da linguagem ou invisibilizadas nos plurais masculinos da gramática normativa implica a vida, a atuação e a importância da existência das mulheres nos diversos âmbitos culturais e sociais. Através de mecanismos linguísticos, se faz ignorar ainda os mecanismos históricos e sociais de discriminação do gênero feminino pelo masculino.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Sendo os dicionários os grandes documentos veiculadores da linguagem formal de um idioma através dos vocábulos, como podemos analisar as condições de produção de seus discursos e relacioná-los, através dos estudos feministas, como o sexismo linguístico? Quais questões podem ser discutidas a partir da função política do léxico para a disseminação de uma linguagem não sexista? Como considerar a importância da presença, ausência ou tratamento das representações das figuras femininas no léxico de uma língua?

Da questão do apoderamento lexical: a (não) circulação em rede

Visando uma análise documental através da perspectiva foucaultiana de análise do discurso, selecionamos entre agosto de 2014 o *corpus* a ser estudado a fim de encontrar as conexões, os bloqueios, as estratégias, os jogos de forças que em um dado momento o formaram. Compreendendo os dicionários como acontecimentos discursivos, estamos nos atentando para as condições de produção pelas quais os discursos se conectam histórica e espacialmente para possibilitar essa materialidade para confrontá-las com os estudos feministas e de gênero.

Neste primeiro momento de nossa pesquisa (ainda em andamento) elegemos dois dicionários da língua portuguesa que entendemos melhor contemplar a condição de grande circulação nacional: As últimas versões *online* do Dicionário Online de Português (disponível em <http://www.dicio.com.br>) e Aurélio Beta (disponível em <http://www.dicionariodoaurelio.com>), ambas muito acessíveis por serem gratuitas e as primeiras a aparecerem na pesquisa “dicionário de português grátis”, através do buscador Google, a ferramenta de busca mais utilizada no Brasil e no mundo. Isso porque o virtual e os recursos digitais no atual contexto de grande circulação de tecnologia através da rede mundial de computadores são, pelo viés da acessibilidade e difusão territorial, grandes veiculadores dos parâmetros lexicais do português brasileiro. Esses materiais, ainda, oferecem uma dinâmica de atualização continuada e facilitada pelas tecnologias disponíveis nesses espaços, sendo possível a inclusão ou revisão de verbetes em tempo real.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



A escolha dos termos a serem verificados por presença ou ausência nos dois dicionários foi feita durante os meses de dezembro de 2014 e março de 2015. Os termos/verbetes escolhidos para análise foram (1) “sexismo”, (2) “feminicídio”, (3) “sororidade”, (4) “mulher”, (5) “homem”.

O momento presente é da consideração da presença ou ausência desses termos nas respectivas materialidades: Verificamos que o termo 2, “feminicídio”, foi encontrado apenas no Dicionário Online da Língua Portuguesa; o termo 3, “sororidade”, está ausente em ambos os dicionários. São essas ausências que discutimos aqui.

O termo 2, “feminicídio”, foi encontrado apenas no Dicionário Online da Língua Portuguesa – o Dicio. Trata-se de um termo em discussão atual no Brasil, visto que o assassinato de mulheres foi recém classificado como crime hediondo pela legislação nacional (lei número 8.072, sancionada pela presidente Dilma Rousseff em 09 de março de 2015). Porém, observamos a ausência desse verbete no Dicionário Aurélio Online- o Aurélio Beta.

Segundo Rossi (2012), o não dizer também diz, implícita. Aquilo que a linguagem omite é também um dizer, uma mensagem de exclusão ou de omissão de outros dizeres possíveis. Quando no Aurélio Beta não se encontra o termo em questão, não é possível afirmar que haja uma neutralidade política e/ou ideológica.

A exclusão de um termo perfeitamente possível no léxico, devido à capacidade de atualização e revisão facilitada nos sistemas online e já em uso no nível institucional é uma manifestação de poder que seleciona o que deve ou não ser tomado como parte da língua. Pois se, a partir dos termos que fixam, os dicionários têm o poder de projetar através da linguagem realidades sociais, acabam por escolher qual realidade social deseja fixar, projetar, documentar e perpetuar. A não aparição do termo “feminicídio” no Aurélio Beta, em último grau, invisibiliza a realidade do assassinato intencional de mulheres como violência de gênero. Uma questão tão cara aos feminismos, o termo se refere a um crime de ódio contra mulheres, justificado por uma história de dominação da mulher pelo homem e estimulado pela impunidade e indiferença da sociedade e do Estado. Se ele “não existe”, o que haveríamos de combater?

Realização:



Apoio:



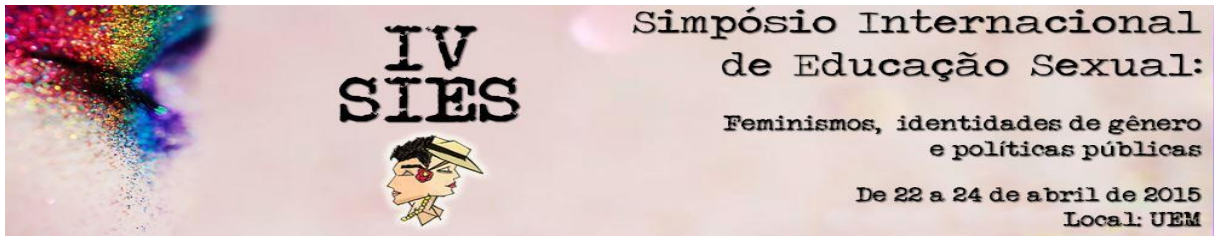
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Ainda, mesmo se pensamos na ampliação e na maior funcionalidade comunicativa do léxico, a língua como ferramenta de sociabilidade, podemos entender que quando limitamos de alguma forma a ampliação desse léxico, ou negamos seu uso real (termos em uso que não são incluídos nesses documentos por um questão de “preferência” dos ou das responsáveis), estamos negando possibilidades de realidades e estamos limitando também a amplitude de novos horizontes, de novas paisagens linguísticas ou, usando um termo mais prático, impedindo que novos sentidos sejam dados à língua e, por extensão, à sociedade.

Diante das possibilidades de inclusão a qualquer momento de novos verbetes na versão virtual do Aurélio, a não inclusão do termo 2 pode ser vista como um não dizer que constitui a escolha de não significar essa realidade de violência de gênero, como uma invisibilidade das situações de opressão das mulheres, e por conseguinte, uma forma de exercer relações de poder através de linguagem sexista.

A questão da invisibilidade, adicionada ao fato dos dicionários reconhecerem necessidade de se fixar alguns termos em detrimento de outros pode nos ajudar a compreender a omissão do termo 3, agora em ambos os sistemas. O verbe “sororidade” não foi encontrado em nenhum deles.

Mesmo se tratando de um termo em uso pouco corrente, mais familiar aos feminismos, possui uma estrutura que obedece a lógica da formação de vocábulos em língua portuguesa, este neologismo ainda não ganhou o *status* de verbe por nenhum dos dicionários : -soror (radical latino) se une ao sufixo -dade, a palavra “sororidade” . A história masculinista das ciências, inclusive da língua/linguagem pode desvelar o porquê de algumas realidades retratarem apenas relações entre homens, bem como mostrar a satisfação dos discursos dos dicionários em não alterar essa realidade, quando, por exemplo, inclui e atualiza certos neologismos e não outros.

Supor que o termo “fraternidade” possa representar também a solidariedade entre mulheres coloca os dicionários, pelo viés do desígnio, em posição de omissão diante da possibilidade de uma inclusão das figuras femininas no universo das relações sociais de solidariedade entre si. Para a linguagem não sexista não é mais a linguagem de homem para homem, a exemplo da democracia e da cidadania masculinista grega,

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



onde se cunharam vários termos em uso até hoje para falar de humanidade em nossa língua oficial, que deveria ser retratada ou fixada pelos dicionários. A humanidade, a referência a grupos humanos, já inclui homens e mulheres e então já há outra paisagem a ser retratada, ou, então, impulsionada.

A relação de “fraternidade” com “homem”, considerado pelos dois sistemas como um dos sinônimos de humanidade, exclui, segundo Rossi (2001) as mulheres de se integrarem e se reconhecerem linguisticamente no universo das relações sociais do reconhecimento e, por conseguinte, das associações de ajuda mútua.

Diante de uma cultura de competitividade naturalizada e nutrida pelas mídias nacionais e pela cultura popular, a solidariedade entre mulheres por questões de gênero, em busca da equidade social e cultural é uma nova realidade almejada. Para os feminismos, é necessário o desígnio de novas possibilidades de relações entre mulheres diante das opressões e violências de gênero.

O fato de as mulheres estarem excluídas da linguagem ou invisibilizadas pelos plurais masculinos nos padrões normativos da língua, aqueles tidos como “corretos” por uma elite produtora e reprodutora do conhecimento no senso comum da sociedade, coloca a proposta de solidariedade como um não desígnio e, por conseguinte, com uma inexistência. Ao considerar desnecessário um termo específico para designar as relações de solidariedade entre mulheres, projetar novas relações e transformar o senso comum da cultura de rivalidade entre mulheres, o sexismo linguístico está presente, pela ausência do termo 3, no léxico desses dicionários.

Tendo em conta a realidade histórica de violência de gênero sofrida pelas mulheres nas mais diversas sociedades, é possível dizer ainda que o não designado é um mecanismo linguístico que além de omitir, faz ignorar os mecanismos históricos e sociais de discriminação do gênero feminino pelo masculino. Estes mecanismos históricos e sociais se dão em práticas discursivas que estabelecem uma relação de forças na sociedade.

As práticas discursivas atuais são caracterizadas por Michel Foucault (1997, p. 21) como recortadas de um campo de objetos através da “definição de uma

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



perspectiva legítima para o sujeito do conhecimento”. Segundo Navarro-Swain (2014), tais práticas criaram as condições para o surgimento de questionamentos que invertem as evidências do objeto, desfazendo-as em múltiplas questões para analisar as verdades para além das superfícies discursivas. As teorias feministas surgiram também dessas possibilidades. Os Estudos Feministas são “um campo de poder/saber na medida em que interroga e desconstrói a naturalização dos corpos em papéis e práticas sociais, e ao mesmo tempo produz e critica seus próprios discursos em desdobramentos” [...] (NAVARRO-SWAIN, 2012, web).

Segundo Foucault (2001, p. 10), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” Para os estudos e movimentos feministas a produção discursiva também é o centro da especulação e entender os procedimentos de regulação dos discursos acerca das mulheres é também obter mecanismos para desconstruí-los no intuito de projetar novos rumos e realidades para a situação das mulheres em nossa sociedade.

Pensando que a língua se vale pela interlocução estabelecida no ato da comunicação/não comunicação, seja ela oral ou escrita, a busca por equidade de gênero reivindica o reconhecimento formal de uma nova realidade emancipatória das mulheres.

A reivindicação por uma linguagem não sexista é uma busca do apoderamento, um movimento político das mulheres para se apropriarem do discurso acerca de si mesmas, seja por questão de autoria, seja por questão de representatividade social ou linguística. Reivindicar o espaço das mulheres na fixação das normas da língua ou na simples menção documental da realidade que as mulheres vivem, discutem ou vivem é uma reivindicação feminista em prol da promoção de uma equidade que transpassa inclusive os meios institucionais, os documentos oficiais, as retratações e projeções das muitas possibilidades de ser mulher no Brasil e no mundo.

Detectar as estratégias da ordem do discurso hierárquico ou assimétrico para compreender e então subvertê-lo consiste também em criticar as instituições

Realização:



Apoio:

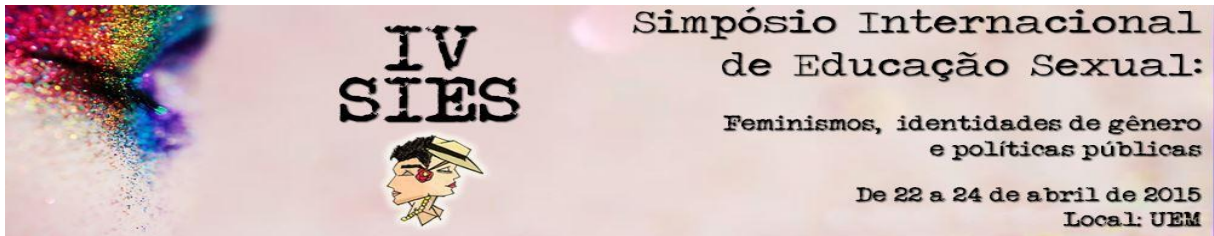


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





sexuadas e sexistas e o imaginário que as produz e reproduz. O léxico pode ser umas das vias para tal.

Assim, os termos que o dicionário prioriza são também a transmissão da linguagem hegemônica que ele enuncia, excluindo a possibilidade de uma nova projeção lingüística e social quando exclui da formalidade da língua os termos “inovadores”.

2. Do espaço virtual à questão linguística

O espaço virtual e os recursos digitais no atual contexto de grande circulação de tecnologia através da rede mundial de computadores são, pelo viés da acessibilidade e difusão territorial, grandes veiculadores dos parâmetros lexicais do português brasileiro. Outra consideração importante acerca do diferencial que oferecem esses materiais é sua dinâmica de atualização continuada e facilitada pelas tecnologias disponíveis nesses espaços, sendo possível a inclusão ou revisão de verbetes em tempo real.

Como o Dicionário Online da Língua Portuguesa possui um formato que permite a sugestão de correções ou de novos termos por parte dos usuários, nota-se que há uma relação do sistema com a língua que perpassa os usuários. Esse formato permite, através da interatividade para a atualização, que os termos em uso mais ou menos recente sejam contemplados por este sistema.

Mesmo diante desse recurso característico do Dicio, o Dicionário Aurélio - o Aurélio Beta pode partilhar de um prestígio maior entre grupos específicos de usuários desses recursos na rede. Sua tradição entre os dicionários pode ter mais confiabilidade por parte dos usuários que conhecem ou conheceram edições físicas deste sistema. O peso desta possibilidade também pode afetar a fixação de significados e termos para um público específico já integrado a recursos digitais deste tipo. Para este público, o termo ainda aparece fora da normatividade da língua.

Fez-se importante também observar o nível de dedicação e/ou a extensão das definições dos termos/verbetes pesquisados em cada um dos sistemas. Passando brevemente pela história de cada um desses dicionários por ora, é interessante

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



mencionar que consideramos o dicionário Aurélio Beta um dicionário que podemos chamar de tradicional (confeccionado desde 1950) que já existia muito antes do advento da *internet* e que se atualizou para uma versão *online* gratuita em 2011. Já o Dicionário Online da Língua Portuguesa teve sua gênese no meio digital, atendendo mais prontamente às demandas de usuários do mesmo meio. Essa diferença geracional entre eles se evidencia tanto pela história de cada dicionário como pelo *layout* da barra de pesquisa e do formato da aparição dos verbetes nos resultados da pesquisa dos cinco termos pesquisados. No Dicionário Online, por exemplo, a fonte do texto é maior, os itens se separam por cor, em contrastes mais comuns na rede. Já no Aurélio, o tamanho e as cores da fonte são bastante simples. Isso implica em dizer que os recursos da internet podem determinar algumas condutas que desvelam o aparecimento ou o apagamento de determinados léxicos ou, ainda, que marcam uma posição ideológica em x ou em y.

Segundo Camara Junior (1964), a partir de uma perspectiva linguística da categoria gênero como categoria gramatical da língua portuguesa, a língua é também um mecanismo de exteriorização psíquica. Diante das gramáticas normativas, podemos entender que há nomes que designam coisas que não têm sexo, mas que por sua vez, estão associados cultural e historicamente a seres sexuados, enquadrando-os no mesmo binarismo de gênero.

Assim, gênero deixa de se revelar uma categoria meramente representativa dos conceitos nominais e também vai adquirindo historicidade, vai sendo empregado por associação a outros conceitos, pois em sua criação e em seu uso, está carregada de cultura e historicidade. Está também carregada de relações de poder, que a cria e a recria sob interesses conscientes e inconscientes de representação do masculino e do feminino.

A institucionalização da língua sistematizada, objetiva, simplificada, estabelecida e conserva julga-se neutra, faz-se parecer apenas funcional, omite seu papel como produto e, por fixar-se, como reprodutora das relações hierárquicas, das relações assimétricas de poder. Mas ao pretender-se correta, superior às demais variações da língua, a variação padrão aliada às normas gramaticais rígidas

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



reproduz essa paisagem linguística de restrição do comportamento e das características culturalmente atribuídas tanto aos nomes quanto às figuras masculinas e femininas expressos pela língua. Essa língua estereotipa.

A linguagem é sexista também quando cria representações estereotipadas e discriminatórias de ambos os gêneros baseando-se em convenções pré-estabelecidas pela cultura ou em supostos condicionamentos biológicos dos seres humanos. Condiciona um ser homem e um ser mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações entre linguagem e poder perpassam questões que podemos confrontar com as propostas feministas por uma linguagem inclusiva, não sexista. Essas questões podem ser observadas em diversas materialidades discursivas, seja em documentos escritos ou mesmo textos imagéticos que circulam em diversos meios. Tanto a produção quanto a circulação desses discursos interessam aos estudos feministas e de gênero e quanto maior a abrangência, o alcance das materialidades em que se inscrevem, maior a relevância sócio-política para os feminismos.

Assim a circulação de dicionários da língua portuguesa no ciberespaço, como demonstramos, numa perspectiva discursiva, pode difundir certos vocábulos em detrimento de outros bem como omitir vocábulos em uso corrente na língua. As representações criadas a partir da não-designação acerca das múltiplas possibilidades de ser mulher no mundo hoje são marcadas também pela ausência de recursos linguístico-institucionais que possibilitem sua fixação e difusão.

O que é e o que não é palavra constituinte da língua institucionalizada, ou que é e o que não é a significação de um verbete, a simples condição desse é/ser trabalha com a fixidez como o sistema de representação. Pensando a lexicografia como um conhecimento, assim como o enciclopédico, de significantes de estabilidade, essa fixidez da linguagem impõe restrições ao ser mulher sempre na

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





condição do outro do qual o discurso fala e o qual o discurso representa. Desse modo, o outro é representado como estereótipo.

A forma como se dá a presença dos termos também nos interessa e se seguirá na continuação dessa pesquisa a análise e a relação dos termos presentes com os termos ausentes em ambos os dicionários, aqui tratados em alguns de seus aspectos discursivos, considerando também a fixidez do estereótipo da mulher como o outro naqueles vocábulos que são por constarem no léxico.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Graça (coord.). **Guia para uma linguagem promotora da igualdade entre mulheres e homens**. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros, 2009.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**, O que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

BONICCI, Thomas (Org.) **Multiculturalismo e diferença**: narrativas do sujeito na literatura negra britânica e em outras literaturas. Maringá: Eduem, 2011.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do 'sexo'.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Matoso. **Princípios de linguística geral**: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1964 .

Dicionário do Aurélio Online. Disponível em <<http://www.dicionariodoaurelio.com>>. Acesso em mar. 2015.

Dicionário Online da Língua Portuguesa. Disponível em <<http://www.dicio.com.br>> Acesso em mar. 2015.

LOURO, Guacira Lopes (Org.) O Corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, p.149-172, 2000.

_____. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursivos del 'sexo'. Buenos Aires: Paidós, 2002.

_____. Imitation and gender insubordination. FUSS, Diana (ed.). **Inside/out: lesbian theories, gay theories**. London: New York: Routledge, 1991.

_____. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001.
_____. História da sexualidade I: a vontade de saber. 11.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
_____. História da sexualidade II: o uso dos prazeres. 8.ed. Rio de Janeiro: Graal,

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles, **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**, Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LESSA, Patrícia. **A fabricação dos tecno-bio-corpos e a produção do sexismo na linguagem**. Relatório final de pós-doutorado. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2011.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. 1980. **Feminismo e representações sociais**: a invenção das mulheres nas revistas “femininas”. In: *História: questões e debates*. v.1,n.1, Curitiba: EdUFPR, p. 11-44.

_____. **Quem tem medo de Foucault?** Feminismo, Corpo e Sexualidade. Disponível em <http://www.tanianavarrowswain.com.br/chapitres/bresil/quem_tem_medo_de_foucault.htm> Acesso em ago. 2014.

RASSI, Amanda Pontes. Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: uma análise da “Marcha das vadias”. In **Revista de História da Universidade Estadual de Goiânia**, v1, n.1, p.43-63 jan/jun 2013.

ROSSI, Cristina Peri. **La lengua no es inocente**. Disponível em: <<http://www.perirossiarticulos.blogspot.com.br> > Acesso em 29 de março de 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 30. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

UNESCO. **Redação sem discriminação**. São Paulo: Texto Novo, 1996.

THE PRODUCTION OF SEXISM IN LANGUAGE: GENDER AND POWER IN PORTUGUESE LANGUAGE DICTIONARIES

ABSTRACT

Realização:



Apoio:

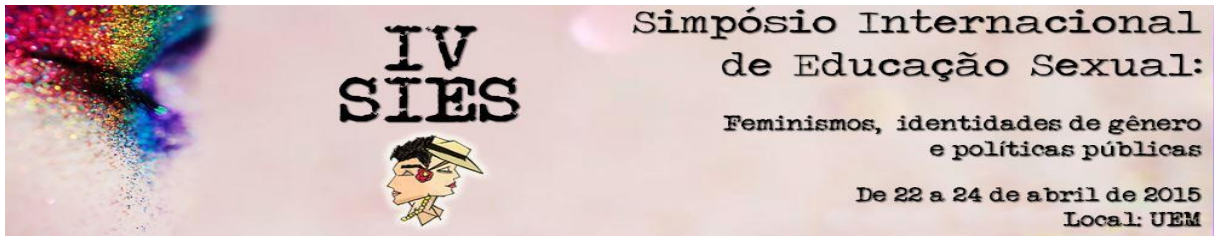


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





The present work is the ongoing analysis of discursive that erasing and restrict women or, in extreme cases, produce violence of patriarchal domination. For this, we use contemporary feminist theories and discussions about linguistic sexism as theoretical foundation, focusing the gender perspective as a category under deconstruct of the discourse about women who are mentioned in the Portuguese language dictionaries of massive national circulation. In this document, we study two free access online dictionaries, some words that can be related to gender stereotypes, by understanding that dictionaries, like large vehicles are formal documents, fixing representations and values. The analysis of these words seeking to reveal the power relations expressed in speeches and condemnatory norms of language, was made through its presence, absence and definitions, as well as the historicity of discursive materiality on which are inscribed.

Keywords: Sexism; Language; Feminist Studies.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





**IV
SIES**



**Simpósio Internacional
de Educação Sexual:**

**Feminismos, identidades de gênero
e políticas públicas**

**De 22 a 24 de abril de 2015
Local: UEM**

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:



PlayBook